

LINGUAGEM E DISCURSO

Luís Manuel A. V. Bernardo

LINGUAGEM E DISCURSO

UMA HIPÓTESE HERMENÊUTICA
SOBRE A FILOSOFIA DE ERIC WEIL

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2003

*C'est le frisson du sens que j'interroge en écou-
tant le bruissement du langage — de ce langage qui
est ma Nature à moi, homme moderne.*

ROLAND BARTHES

SIGLAS

A. OBRAS DE ERIC WEIL

- L. P. — *Logique de la Philosophie.*
H. E. — *Hegel et l'État.*
P. P. — *Philosophie Politique.*
P. M. — *Philosophie Morale.*
P. K. — *Problèmes Kantiens.*
E. C. I — *Essais et Conférences, t. I.*
E. C. II — *Essais et Conférences, t. II.*
P. R. — *Philosophie et Réalité — Derniers Essais et Conférences.*

B. COMPILAÇÕES DE ARTIGOS SOBRE ERIC WEIL

- A. E. W. — *Actualité d'Éric Weil.*
C. E. W. I-IV — *Cahiers Éric Weil, I a IV.*
D. V. L. — *Discours, Violence et Langage. Un Socratisme d'Éric Weil.*

C. OBRAS DE PIERRE-JEAN LABARRIÈRE

- D. A. — *Le Discours de l'Altérité. Une logique de l'expérience.*
U. L. — *L'Utopie Logique.*
K. H. — *De Kojève à Hegel. 150 Ans de Pensée Hégélienne en France.*

D. OBRAS DE JÜRGEN HABERMAS

- K. K. — *Kultur und Kritik.*
N. R. — *Die Nachholende Revolution.*
N. D. — *Nachmetaphysisches Denken.*
P. D. M. — *Der Philosophische Diskurs der Moderne.*
R. H. M. — *Zur Rekonstruktion des Historischen Materialismus.*
V. E. — *Vorstudien und Ergänzungen zur Theorie des Kommunikativen Handelns.*

E. RECOLHA DE ARTIGOS SOBRE JÜRGEN HABERMAS

- C. C. H. — *The Cambridge Companion to Habermas.*

F. OBRAS DE HANS-GEORG GADAMER

- W. M. — *Wahrheit und Method.*

INTRODUÇÃO

[...] ce n'est pas la tâche de la logique de développer toutes les possibilités qu'elle contient.

L. P., p. 314.

A obra de Eric Weil (1904-1977) constitui um dos grandes marcos da produção filosófica da segunda metade do século xx. Um núcleo de três livros estabelece o centro dessa produção: *Logique de la Philosophie* (1950), texto fundamental, na dupla acepção da palavra, *Philosophie Politique* (1956) e *Philosophie Morale* (1961). *Hegel et l'État* (1950) e *Problèmes Kantiens* (1970) apresentam uma leitura renovadora dos dois filósofos alemães e têm obtido o apreço generalizado da crítica especializada. Por fim, um vasto conjunto de artigos, sobre uma variedade de temas, sem que esta represente uma quebra de unidade no seu pensar, vem coroar uma criação, escassa pelos padrões actuais, mas, inequivocamente, criteriosa. Se é verdade que as três obras principais sintetizam o essencial da sua concepção filosófica, que os artigos acabam por confirmar, não o é menos que a leitura dos artigos permite melhor compreender, pela erudição exibida numa série de áreas das Humanidades, a realização monumental da *L. P.*, que, após uma extensa «Introdução», expõe dezoito discursos categoriais, desde o da Verdade ao da Sabedoria, os quais, ainda que não autónomos, formam por si uma auto-suficiência narrativa, dezoito discursos que efectuam o encontro do Mesmo e do Outro, pela mediação analógica da prosopopeia.

Causa por isso bastante estranheza que não tenha encontrado um contexto de recepção à altura das suas potencialidades. É verdade que, progressivamente, surgiram núcleos de interesse

e de divulgação do seu pensamento, em Itália, ainda em vida do autor, na Bélgica, no Brasil, nos Estados Unidos da América. Mas, tal como acontece connosco, trata-se da expressão do entusiasmo partilhado por um grupo reduzido. Apenas dois estudos oferecem uma compreensão global da sua obra principal, a *L. P.*, sendo a história da interpretação da sua filosofia o resultado, sobretudo, de múltiplos artigos. Os esforços do Centre Éric Weil, sito na Universidade de Lille III, na qual Weil foi professor e mestre de toda a geração que assumiu o compromisso da sua divulgação, não conseguem quebrar totalmente este carácter de autor que aguarda a consagração merecida. E, no entanto, para todos aqueles que, como nós, aceitaram o desafio de penetrar na densidade do seu aparato conceptual e se deixaram levar pela força de sistematização da sua dialéctica é incontestável o seu interesse filosófico.

Esta situação, na aparência paradoxal, é, sem dúvida, tributária de algumas características, que uma primeira aproximação encontra nos próprios textos: a sistematicidade da exposição; a severidade da escrita, falha de recursos estilísticos com função estética; a circularidade do percurso, para o qual o leitor é constantemente convocado, quebrada, quer pela autonomia parcelar de cada discurso categorial, quer pelo jogo dos pontos de vista, que impede a adopção de um enfoque único e definitivo; a audácia da defesa do valor da racionalidade, e, conseqüentemente, dos grandes autores que traçaram o projecto de um mundo no qual a razão discursiva prevaleceria sobre a violência dos discursos particulares, os quais resultariam de, e visariam, interesses parciais, Hegel, Kant e Aristóteles, lidos através de uma grelha optimista, que trairia a permanência no horizonte dessa modernidade iluminista, cuja confiança no poder de valores abstractos veio encontrar na história a sua definitiva desmistificação. Por sua vez, a ideia de levar a cabo uma lógica da filosofia, com os imediatos ecos hegelianos, causa uma certa perplexidade: que desmesura demiúrgica ou que desarmante candura podem estar na origem dessa intenção de «pôr um ponto final na filosofia», como nos relata, nas suas memórias, Raymond Aron?

Assim se explicaria a ausência da obra de Eric Weil do âmbito dos debates filosóficos da actualidade. Neo-hegeliano em linha directa, apesar de se reclamar de Kant, o seu pensamento encontrar-se-ia afectado por uma dupla forma de inactualidade: sofreria da inactualidade do modelo filosófico, do qual depende, e da de ser uma versão segunda desse mesmo modelo. A pró-

pria crítica tradicional dos adeptos da filosofia de Weil acaba por reforçar esta imagem, ao interpretá-la, simultaneamente, como filosofia da acção e da história, assente na contraposição entre razão e violência, e como filosofia sistemática, herdeira do Idealismo alemão, uma espécie de «*Fenomenologia do Espírito* dos anos 50», para retomar a expressão de Jean Wahl. Neste sentido, a obra de Weil tem representado um baluarte de uma maneira tradicional de fazer filosofia, no turbulento jogo entre construtivismos e desconstrutivismos pelo qual a especulação filosófica contemporânea tem vivido a trágica herança de um mundo e de um pensamento fragmentados, e não há dúvida de que esta representação tem funcionado, ao mesmo tempo, como pólo de atracção e como motivo de afastamento.

É um facto que, como nos mostra a *Hermenêutica Filosófica*, não podemos desligar a obra da história da sua efectuação. Tal significa que qualquer aproximação à filosofia de Weil não pode ignorar este jogo de sedução e de repúdio, que a ela está inexoravelmente ligado, bem como deixar de meditar sobre o impacte que a expressão filosófica weiliana, inevitavelmente, teve num contexto de recepção muito particular, o da filosofia do pós-guerra. Assim, por um lado, é incontestável que toda a compreensão do pensamento de Weil tem de partir da relação particular que manteve com o sistema hegeliano, mas seria assaz injusto reduzi-lo a essa perspectivação. Por outro, as duas linhas interpretativas, que têm prevalecido na hermenêutica da obra de Weil, são adequadas para ressaltar uma orientação possível na filosofia do autor e estão sancionadas pelos seus escritos, mas a dificuldade em articular o traçado e o movimento da lógica, a sobrevalorização de determinadas categorias, enquanto autenticamente filosóficas, em detrimento de outras, que são vistas como uma concessão complacente do filósofo ao discurso da violência, com a conseqüente tendência para cristalizar o debate na tríade Absoluto, Obra, Acção, descurando, não só as restantes categorias «materiais», como deixando por decidir o papel das duas últimas categorias «formais» — Sentido e Sabedoria —, bem como a dificuldade em encontrar uma demarcação da filosofia de Weil em relação à de Hegel, que não seja do tipo cumulativo ou lateral, são alguns exemplos que apontam para a necessidade de uma interpretação, a qual, estando igualmente sancionada pelos textos, releia o seu contributo filosófico a partir de um horizonte de problematização menos rígido, que permita equacionar a permuta entre o explícito e o implícito.

Deste modo, repensar a obra de Weil significa repensar os modelos interpretativos à qual ela tem sido sujeita, entabulando, quando necessário, um diálogo cerrado com os comentadores, tendo como objectivo principal exercer uma espécie de fluidificação dos esquemas de compreensão firmados. A este respeito, importa introduzir uma consideração deontológica. Para a eventual impertinência que poderá decorrer da nossa atitude argumentativa, quantas vezes visando um ou outro aspecto lateral da posição dos intérpretes e não o fundamental da mesma, pedimos a benevolência dos leitores. Na verdade, essa audácia não resulta de uma postura desdenhosa — esta tese não seria possível sem as análises de todos aqueles que nela são envolvidos — mas do reconhecimento humilde da força e da consistência hermenêuticas das suas posições, as quais nos obrigam a procurar uma brecha para firmar a nossa proposta.

Assim, do ponto de vista formal, podemos definir a intenção deste trabalho através de uma expressão de Paul Ricoeur: trata-se de «fazer frutificar as aporias». Daí que tenhamos acrescentado ao título — *Linguagem e Discurso* —, que há muito estava escolhido, o subtítulo *Uma Hipótese Hermenêutica sobre a Filosofia de Eric Weil*. É que o poder de encantamento de uma filosofia, que se afirma pelo vigor do seu pensamento e pela força da sua exposição sistemática e dialéctica, como a de Weil — mas não acontece o mesmo com a de Hegel? — é tal que, ao intérprete que não queira manter-se num registo de estreita colaboração com o dito no texto, só lhe resta expor as aporias inscritas na própria obra ou que decorrem da sua relação com os problemas do seu e do nosso tempo.

Ora, no caso da filosofia de Eric Weil, este segundo procedimento encontra plena justificação no próprio movimento do seu filosofar. Para lá da serenidade e da placidez de quem se abalança a traçar o sentido de vinte e cinco séculos da história do Ocidente, como refere Guillaume de Stexhe, identificamos um questionamento cujo pulsar é feito de grandes zonas aporéticas, de focos críticos, da experiência vivida da violência, e que encontra a sua expressão lapidar na recorrência da pergunta: «Que sentido tem o sentido?» Por conseguinte, procuraremos a viabilidade da articulação entre uma «lógica da coerência» e uma «lógica dos limites», entre uma «lógica da ordem» e uma «lógica plural da aporia», retomando uma terminologia cara a Pierre-Jean Labarrière e a Jacques Derrida. Hermenêutica do implícito, por vezes convertida em hermenêutica da suspeita, para fazer falar o

texto até ao limite do que ele nos pode dizer sem se tornar pretexto, para mantê-lo na sua integridade, mas de tal modo que se torne visível a efectividade do diálogo que com ele estabelecemos. Neste sentido, a nossa tese é realmente uma hipótese de leitura, assente na questão de fundo sobre a lógica de uma lógica da filosofia, que resulta do que Ricoeur designou «uma teoria alargada da recepção».

O alargamento do horizonte de recepção permite tornar visível e tematizável o que todos os intérpretes referiram sem extraírem as devidas consequências, quer para a determinação da especificidade da lógica proposta por Weil, quer para a reflexão sobre a coerência do projecto assim fundado: que a *L. P.* é uma lógica do *logos*, no sentido mais redundante de uma lógica do discurso. Weil e os seus principais comentadores não deixam de salientar que a *L. P.* não é uma lógica do Ser ou do ente, que não se trata de uma metafísica, que não há qualquer acesso a um real, que se fizesse à margem da linguagem e do discurso, e uma leitura dirigida acaba por revelar que toda a obra, desde a primeira página, é um discurso sobre a discursividade e a pluralidade de formas discursivas, nas quais esta se inscreve, na efectividade dos discursos concretos produzidos pelos homens na história. Jean Quillien, um dos discípulos directos de Weil, defende, de há muito, a tese de que a *L. P.* é uma análise filosófica da linguagem, mas recusa fazer uma interpretação linguística da obra. Ora o que, deste modo, se perde é a possibilidade de aceder à originalidade da filosofia de Weil, originalidade que, como teremos oportunidade de mostrar, não resulta apenas da introdução de novos temas ou de uma concepção da dialéctica assumidamente aberta, mas antes diz respeito à opção de fundo sobre o «terreno do filosofar».

Esta situação paradoxal não pode deixar de nos fazer reflectir sobre alguns dos «preconceitos» que estarão, decerto, na sua origem. Se Weil demarca, claramente, a sua lógica das lógicas do tipo «objectivo» e do tipo «subjectivo»¹, se mesmo a *P. M.* e a *P. P.* expõem as possibilidades discursivas dos respectivos campos, se os intérpretes não têm dificuldade em aceitar que a filosofia de Weil põe em acção uma racionalidade discursiva, que resulta de uma opção, fundamental porque livre, pelo discurso, e, no entanto, uma leitura linguística é sempre evitada, tal só

¹ Cf. *E. C. I*, pp. 232-233.

pode dever-se ao próprio contexto de recepção, nomeadamente, ao conjunto de expectativas daqueles que se reconhecem no seu filosofar e ao modo como no nosso século se veio a cristalizar a designação geral de filosofia da linguagem numa maneira muito particular de a entender.

Podemos, assim, circunscrever três obstáculos maiores, que têm impedido a aproximação da filosofia de Eric Weil a partir dos temas específicos de uma filosofia da linguagem.

Em primeiro lugar, a vontade de firmar o pensamento do autor nos ombros do gigante hegeliano. O que Guillaume de Stexhe escreve é, a este propósito, elucidativo de uma das consequências desta atitude: «Ele não quer produzir um pensamento original que renovaria a filosofia: simplesmente, quer compreendê-la — nem mesmo interpretá-la [...]. Paradoxo de uma novidade que não tem nada de novo.»² Mas não estará aqui a sua grande originalidade, a de mostrar que é possível conciliar o gesto lógico, que selecciona e ordena, e o gesto hermenêutico, que refigura e reescreve a partir de uma compreensão do sentido, simultaneamente, efectuado e almejado por qualquer discurso? Não será esta a sua novidade, a de conceber o paradoxo de uma lógica do sentido, «ao mesmo tempo sistemática e aberta ao infinito desse sentido que é o elemento da criatividade, da *poiésis* — e não do saber»?³ Todavia, o verdadeiro significado desta intenção de mostrar que há um caminho intermédio entre a «via curta da reflexão formal» e a «via modesta e fragmentária da hermenêutica» só se manifesta se se identificar, como núcleo primeiro do filosofar weiliano, o par complementar linguagem/discurso.

Contudo, e aqui se manifesta uma segunda consequência impeditiva, não haverá nesta focagem redobrada na palavra uma perda de realidade, um enfraquecimento do alcance ontológico da filosofia de Weil? Percebemos que o que esteia a pergunta é uma concepção prévia tradicionalista de que o que constitui a especificidade da linguagem é ser signo de uma realidade que a antecede e que ela mais não consegue do que designar. Estamos convictos de que os dois últimos séculos de investigações sobre a linguagem, mormente no domínio da Hermenêutica Filosó-

² G. de Stexhe, *La Raison au Défi de l'Histoire*, p. VIII.

³ G. de Stexhe *La Raison au Défi de l'Histoire*, p. XIII.

fica, nos permitem ter uma visão distanciada da oposição, que, sob os modos cognitivista e nominalista, impediu uma sua análise positiva, pelo que para nós é incontornável a afirmação de ser a linguagem concomitante ao homem e ao mundo. Este adquirido da contemporaneidade, instaurando um novo paradigma, e funcionando como critério para a atribuição do carácter de actualidade às diversas concepções do fenómeno linguístico, formulado na caracterização da linguagem como *medium*, é partilhado por Weil, o que nos leva a procurar explicitar que significado pode ter essa opção para uma obra como a *L. P.*

Não há dúvida de que, não obstante, uma visão redutora da linguagem e do discurso está na base do segundo obstáculo contextual. Com efeito, a herança conjunta do valor exclusivo da cientificidade e da visão cognitivista do papel da linguagem provocaram uma «lógica de fronteiras», no campo dos saberes e dos objectos que os especificam, que tem sido, quanto a nós, profundamente nefasta para a investigação filosófica dos problemas da linguagem. Na realidade, não há nenhuma razão suficientemente pertinente para limitar a filosofia da linguagem ao tipo de investigações resultantes do positivismo lógico. Pelo contrário, por via da distanciação, hoje possível relativamente aos debates decorrentes da complexa relação entre a filosofia e a ciência, há que manter o termo com o significado geral que ele encerra, o que implica, por exemplo, que a Hermenêutica Filosófica seja considerada, legitimamente, uma filosofia da linguagem. Em consequência, cabe questionar a validade da atribuição de um tal epíteto à *L. P.* de Weil. Por outro lado, caso se verifique a nossa tese de que a filosofia de Weil é uma filosofia da linguagem e do discurso, neste sentido alargado, importa estabelecer a particularidade da sua concepção, trazendo à liça a sua recusa do paradigma cienticista. Propomos, por conseguinte, uma leitura linguística da filosofia de Eric Weil, sem a adopção do ponto de vista exclusivo da Linguística.

Grande parte da dificuldade do nosso empreendimento reside no que poderíamos designar o carácter implícito do fundamental. Como acontece com todas as filosofias, há uma zona de opções, de formas estruturantes, de posições decisivas dentro do conjunto de possibilidades oferecidas pela tradição, que por serem determinantes ficam muitas vezes por determinar. Essa latência de sentido corresponde à sua força plástica e estrutural e indica que atingimos o plano do «gesto lógico», isto

é, a configuração de base da lógica. No entanto, para o intérprete trata-se de explicitar o dinamismo inerente a essa gestualidade, refazendo com o autor o traçado que vai da indicação do substrato à construção da rede de pressuposições que formam a sua ancoragem.

No caso da filosofia de Weil, esta tarefa adquire um matiz de urgência, porquanto, como refere a citação em epígrafe, a lógica não desenvolve todas as suas potencialidades hermenêuticas e heurísticas. E, estamos convictos, não se deve ler a afirmação apenas no sentido de uma sua aplicação ao concreto, ou de uma abertura a novos discursos categoriais: há que compreendê-la como referindo-se aos contextos de fundamentação e de legitimação, os quais estão associados, ao mesmo tempo, à produção e às virtualidades de diálogo que a obra instaura. Assim sendo, torna-se necessário recriar uma dupla rede de problematização, graças à qual os textos adquiram uma expressão a vários níveis dirigida, simultaneamente, para a poética inaugural e para a actualidade da sua efectuação dialógica. A complexidade desta intenção interpretativa pode aferir-se triplamente, pela despositivação que o binómio linguagem/discurso sofre no pensamento de Weil, de molde a funcionar como estrutura celular do filosofar, pelo risco de se substituírem unilateralmente as preocupações do intérprete às do autor, e pelo perigo de que a rede seja tão genérica que não restitua a originalidade da concepção de Weil. Urgia encontrar o procedimento hermenêutico adequado para instituir o diálogo com a obra, para aquém do exposto.

Optámos, por isso, por trazer à discussão, de modo a desenvolvermos um diálogo cruzado permanente, dois filósofos que têm com a temática weiliana duas consonâncias maiores, a herança hegeliana e a defesa de uma racionalidade assente na categoria do Sentido e, logo, na sua forma linguística: Pierre-Jean Labarrière e Jürgen Habermas. Nesta medida, ambos confirmam uma das convicções de base da nossa leitura, a de que qualquer filosofia é contemporânea, em virtude do facto de reconhecer a linguagem como o *medium* do filosofar.

A proximidade entre o primeiro e Eric Weil estende-se à amizade e ao reconhecimento explícito de uma influência directa, reservando-lhe um lugar muito especial na «Introdução» à sua obra maior, *Le Discours de l'Altérité*, que o intérprete pode confirmar em vários aspectos da sua produção. Para além disso, Labarrière tem participado activamente na divulgação do pensa-

mento de Weil. Em contrapartida, Habermas nunca se refere a Eric Weil, mas é possível determinar pontos de contacto que não se reduzam à identidade de núcleos de problematização, mas se traduzam na semelhança de soluções ⁴.

Para nós, a introdução dos dois autores tem o interesse acrescido de nos permitir caracterizar a filosofia de Weil como uma filosofia de transição, ou, num outro sentido, de antecipação de uma matriz reflexiva, que decorre da vontade de superar Hegel sem dele abdicar. Face a este intuito, as posições de Labarrière e de Habermas podem ser consideradas como extremas, de tal modo que o conceito de uma racionalidade discursiva, proposto por Weil, surge como intermédio entre a interioridade da racionalidade experiencial do autor francês e a publicidade da racionalidade comunicativa defendida pelo pensador alemão. Que a obra de Weil possa ser parte interveniente neste diálogo alargado, e que, como julgamos, possa, em certas temáticas, indicar a via conciliatória por nós procurada, é a expressão de um inequívoco traço de actualidade.

Importa salientar que não temos qualquer pretensão a desenvolver um trabalho comparativo: por um lado, seria extremamente difícil sustentar, com coerência, tanto a semelhança metodológica, quanto a radical diferença entre Weil e Habermas; por outro, a aparente proximidade entre Weil e Labarrière redundaria, salvo se se realizasse uma análise cerrada, numa série de equívocos. O objectivo da convocação dos dois autores é, portanto, o de, através da determinação de um espaço virtual de diálogo comum, confrontar o filosofar weiliano, ao mesmo tempo, com a sua coerência e com a sua actualidade. Promovendo, deste modo, um fictício encontro a três, ainda que, julgamos, hermeneuticamente frutuoso, vamos, nas analogias encontradas, e por entre as fissuras que não desejámos, ou pudemos, unir, por via da recriação esboçada, inscrevendo as nossas inquietações sobre as potencialidades do paradigma linguístico.

⁴ Guillaume de Stexhe, por exemplo, estabelece as seguintes pontes: «tous deux partagent ce double geste, qui reconnaît la pertinence des dénonciations — théoriques et pratiques — de la raison héritée de l'idéalisme allemand, sans rien abdiquer pour autant de l'ambition raisonnable. En ce sens, tous deux assument, lucidement, l'héritage de *l'Aufklärung*; et ce n'est certes pas un hasard si le thème du dialogue, qui est chez Weil la forme et le résultat du système, préfigure celui de la communication — dont on connaît la fonction décisive chez Habermas — ou chez Apel.» *La Raison au Défi de l'Histoire*, pp. XIII-XIV.

LINGUAGEM E DISCURSO
UMA HIPÓTESE HERMENÊUTICA SOBRE A FILOSOFIA DE ERIC WEIL
Luís Manuel A. V. Bernardo

Acabou de imprimir-se
em Abril de dois mil e três.

Edição n.º 1007921

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br